

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO “SERINGUEIRO/A ACREANO/A”: UMA ANÁLISE DOS ENUNCIADOS PRODUZIDOS POR ESSE SUJEITO¹

THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE “SERINGUEIRO / A ACREANO / A”: AN ANALYSIS OF THE WORKERS PRODUCED BY THAT SUBJECT

Recebido: 15/03/2021

Aprovado: 21/06/2021
DOI: 10.18817/rlj.v5i01.2521

Publicado: 30/07/2021

Airton Santos de Souza Junior²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6692-5554>

Resumo: Ao compreendermos o fenômeno da linguagem enquanto a habilidade que nos permite nos comunicarmos por meio de uma língua (MARTELOTOTA, 2012), somos levados ao fato de que a linguagem é uma capacidade unicamente humana (CHOMSKY 1980, 2014; FIORIN, 2015; GUSDORF, 1976; KAIL, 2013; KUHL; DAMASIO, 2014). Capacidade esta que, segundo Hall (2016), encontra-se atrelada não somente à comunicação, mas nos permite ainda representar ao outro a forma como encaramos o mundo à nossa volta, nossos valores, costumes, cultura e identidades. Nesse sentido, entendendo a linguagem como uma prática social historicamente situada, tendo sua realização concreta e efetiva por meio do enunciado produzido em contextos reais de uso e interação (BAKHTIN, [1979] 2011; MOITA LOPES, 2006; VOLÓCHINOV, 2017), propomos como objetivo deste estudo analisar, por meio da Linguística Aplicada (LA) transdisciplinar/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), o que os enunciados presentes numa entrevista organizada por Luisa Galvão Lessa (2002) junto a “seringueiros/as acreanos/as” podem fornecer em relação às representações construídas acerca do conjunto de práticas, identidades e cultura do/a “seringueiro/a acreano/a”. Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa (SILVA, 2015), nos valendo de uma abordagem documental indireta (MARCONI; LAKATOS, [1983] 2012), tendo como fonte a obra *A linguagem falada no vale do Juruá*. Dessa forma, este trabalho nos possibilitou, entre outras coisas, perceber a necessidade que há em se explorar a identidade do “seringueiro/a acreano/a” a partir dos enunciados produzidos pelos sujeitos denominados através desse termo, direcionando nossa atenção para o posicionamento dos sujeitos em relação às identidades.

Palavras chave: Seringueiro/a acreano/a. Linguagem(ns). Identidade(s). Representação(ões).

Abstract: When we understand the phenomenon of language as the ability that allows us to communicate through a language (MARTELOTOTA, 2012), we are led to the fact that language is a uniquely human capacity (CHOMSKY 1980, 2014; FIORIN, 2015; GUSDORF, 1976; KAIL, 2013; KUHL; DAMASIO, 2014). This ability, according to Hall (2016), is linked not only to communication, but also allows us to represent to others the way we face the world around us, our values, customs,

¹ Este artigo é resultado da pesquisa que desenvolvi durante o mestrado, SOUZA JUNIOR (2020), sob o financiamento e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Possui graduação em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Acre (UFAC), mestrado em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Ufac. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Atua como professor de Língua Portuguesa da educação básica no Estado do Acre; é integrante do grupo de pesquisa GEADEL (Grupo de Estudo em Análise do Discurso e Ensino de Línguas) da Ufac e pesquisador no Grupo de Estudos do Léxico e Narrativas da Amazônia Legal - GELNAL. Atuou como professor substituto da área de Linguística/Língua portuguesa na Universidade Federal do Acre entre 2019 e 2020. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, com foco na área de Linguística-Dialetologia, também bolsista (Voluntário) do Programa de Educação Tutorial em Letras (PET-Letras), da Universidade Federal do Acre, e bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/UFAC) durante um ano e três meses (2014/2015). Possui experiência na área de Letras com interesse nos campos dos Estudos Linguísticos e Literários. E-mail: airton.airtonsantos.santos09@gmail.com

culture and identities. In this sense, understanding language as a historically situated social practice, having its concrete and effective realization through the statement produced in real contexts of use and interaction (BAKHTIN, [1979] 2011; MOITA LOPES, 2006; VOLÓCHINOV, 2017), we propose as the objective of this study to analyze, through Applied Linguistics (LA) transdisciplinary / interdisciplinary (MOITA LOPES, 2006), what the statements present in an interview organized by Luisa Galvão Lessa (2002) with “rubber tappers / acreans / as ”can provide in relation to the representations constructed about the set of practices, identities and culture of the “ rubber tapper from Acre ”. For this, we carried out a qualitative research (SILVA, 2015), using an indirect documentary approach (MARCONI; LAKATOS, [1983] 2012), having as source the work *The language spoken in the Juruá valley*. In this way, this work enabled us, among other things, to realize the need to explore the identity of the “rubber tapper / acrean / a” from the statements produced by the subjects named through this term, directing our attention to the positioning of subjects in relation to identities.

Key words: Acre rubber tapper. Language (s). Identity (s). Representation (s).

Introdução

Um dos aforismos mais conhecidos, presente nos “Analetos”, do filósofo chinês Confúcio, é aquele no qual se afirma que sem conhecer a linguagem não há como conhecer o homem. Nesse ponto, somos então instigados a reconhecer, segundo a sabedoria de Confúcio, que o conhecimento da linguagem se desdobra na compreensão do próprio homem, de tal maneira que o desconhecimento da linguagem equivale ao desconhecimento acerca de quem nós somos. Isso acontece, pois é justamente através da linguagem que, segundo Hall (2016), representamos simbolicamente ao outro nossos sentimentos, identidades, desejos e pensamentos.

Partindo disso, e amparados nos estudos desenvolvidos no campo da Linguística Aplicada (LA) de natureza transdisciplinar/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), compreendemos a linguagem segundo aquilo que pontuam autores como Bakhtin ([1979] 2011), Fanon (2008), Hall (2016), Labov (2008), Moita Lopes (2006), Rojo (2006) Rajagopalan (2003) e Volochínov (2017), que nos permitem vislumbrá-la como prática social historicamente situada, e, como tal, intimamente relacionada com fatores externos à estrutura e/ou sistema da língua.

Considerando a seguinte situação problema: quais são as características identitárias do/a “seringueiro/a acreano/a” reveladas nos enunciados produzidos por esses sujeitos? Tecemos como objetivo desse artigo analisar, por meio da Linguística Aplicada (LA) transdisciplinar/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), o que os enunciados presentes numa entrevista organizada por Luisa Galvão Lessa (2002) junto a “seringueiros/as acreanos/as” podem fornecer em relação às representações

construídas acerca do conjunto de práticas, identidades e cultura do/a “seringueiro/a acreano/a”.

Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa (SILVA, 2015), nos valendo de uma abordagem documental indireta (MARCONI; LAKATOS, [1983] 2012), tendo como fonte a obra *A linguagem falada no vale do Juruá*, organizada pela Professora Dra. Luisa Galvão Lessa e publicada no ano de 2002. Direcionamos nosso olhar pelo prisma da Linguística Aplicada transdisciplinar (RAJAGOPALAN, 2006; ROJO, 2006) e indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), mobilizando conceitos (enunciado, identidade e cultura) operados no campo das Teorias do Discurso e dos Estudos Culturais (BAKHTIN, [1979] 2011; BAUMAN, 2005; BHABHA, 1998; FOUCAULT, 1999; HALL, 2016; MOITA LOPES, 2006; VOLÓCHINOV, 2017).

Através disso, buscamos possibilitar que os próprios sujeitos (“seringueiros/as acreanos/as”), por meio de seus enunciados concretos, possam guiar o nosso olhar em relação ao que significa “ser seringueiro/a”, isto é, acerca do modo como suas identidades encontram-se constituídas. E se eles, como sujeitos plurais, históricos e heterogêneos (BAKHTIN, [1979] 2011; MOITA LOPES, 2006) se reconhecem ou não (BAUMAN, 2005; LOURO, 2000) a partir dessa identidade.

Linguística Aplicada: por uma perspectiva transdisciplinar/indisciplinar em relação ao fenômeno da linguagem

O pensar sobre a linguagem é algo exercido muito antes da constituição da Linguística como ciência, pois todas as práticas organizadas e construídas em sociedade são permeadas e materializadas pela linguagem. De acordo com Gusdorf (1976), é pela linguagem, e somente por ela, que o homem atesta sua soberania diante dos demais seres, tornando-se assim senhor do mundo. Essas considerações em relação ao papel que a linguagem representa na vida do homem corroboram a conclusão de que “A linguagem é unicamente humana, e é possivelmente, a maior habilidade e a maior conquista dos seres humanos”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1179).

De acordo com Fiorin (2015), é possível que se observe, desde a antiguidade, a existência de uma série de mitos, oriundos de diferentes civilizações, que buscam explicar as origens da linguagem e diversidade das línguas. Entretanto, segundo o autor, é na filosofia, por meio de estudos sobre a gramática normativa iniciados por

Platão, que se observa o desenvolvimento de algumas reflexões sistematizadas no campo da linguagem, mais especificamente em relação ao estatuto do nome, o qual, para Platão, não equivale à coisa designada, mas a um signo (FIORIN, 2015).

Apesar de inaugurar-se na filosofia junto à Retórica e à Lógica, a disciplina gramatical se afasta dela. Mas, ainda assim, isso não invalida o fato de a gramática ter sido “[...] o modelo de reflexão linguística durante toda a Antiguidade, a Idade Média e parte da Idade Moderna” (FIORIN, 2015, p. 37). Com base em Fiorin (2015), percebemos que as reflexões sistemáticas sobre a linguagem consistiam, grosso modo, numa perspectiva prescritiva em relação ao uso da língua, tendo como referência a gramática normativa.

No século XIX, segundo Pickering (2011), surgem os estudos comparatistas visando descrever o grau de parentesco das línguas. Desse modo, e influenciado pelas ciências de prestígio da época, é possível observar que as reflexões realizadas no campo da linguagem sofriam muita influência de áreas como a biologia e a psicologia, corroborando junto ao entendimento de que a língua, na perspectiva de estudiosos como Schleicher, trata-se de um organismo biológico que como qualquer outro nasce, se propaga e morre.

No século XX, em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, são estabelecidas as bases e o objeto de estudos da ciência linguística, que se torna autônoma e desvinculada de outros estudos. Assim, uma das grandes contribuições de Saussure ([1916] 2010), considerado por alguns críticos como o “Pai da Linguística Moderna”, consiste no fato de ele ter possibilitado a linguística um caráter científico³, provendo-a de um objeto próprio de estudos e tornando-a, portanto, uma ciência autônoma e independente em relação às outras áreas.

Nessa perspectiva, tendo em vista a escola da qual faz parte Saussure, situado no Estruturalismo (MARTELOTTA, 2012), é possível percebermos que o trabalho com a linguagem, mais especificamente no âmbito da língua, compreendida segundo Saussure ([1916] 2010) como um sistema autônomo de signos e como o único e verdadeiro objeto de estudos da ciência linguística, parte de uma abordagem formal que enfatiza os elementos internos que compõem o sistema linguístico, de

³ Pensando no conceito de ciência a partir dos postulados positivistas da época (Séculos XIX-XX).

modo que nessa ótica tudo aquilo que se encontra externo à língua (compreendida como um sistema fechado) não cabe à atenção do linguista.

Passado esse momento inicial de constituição da Linguística como ciência da linguagem, começam a surgir, na segunda metade do século XX, segundo Rodrigues e Cerutti Rizzatti (2011), estudos que partiam da abstração do conhecimento linguístico para aplicação desse conhecimento em situações reais de uso da linguagem. É nesse cenário que surge então a Linguística Aplicada (LA) em sua primeira fase, vinculada aos estudos linguísticos.

Antes de adentrarmos no processo histórico de constituição da LA como campo do conhecimento, segundo Moita Lopes (2006) é importante que destaquemos três fases pelas quais ela teria passado. A primeira fase da LA tem como característica a dependência em relação à Linguística. Dessa dependência, decorrem duas concepções em torno do que se compreende por LA nesse primeiro momento: “Por um lado, aplicava-se Linguística à descrição de línguas, [...] e, por outro, ao ensino de línguas, notadamente estrangeiras (por exemplo: Chastain, 1971). Foi assim que, de fato, a LA começou” (MOITA LOPES, 2006, p. 12-13).

Nesse sentido, percebemos que a compreensão acerca da LA partia de uma perspectiva voltada tão somente para a aplicação de teorias oriundas da linguística teórica. Aplicação esta que ocorria tanto no processo de descrição de línguas, como também no ensino delas, especialmente as estrangeiras. A segunda fase da LA, por sua vez, traz como característica a tentativa de se pensar a LA de maneira autônoma em relação à Linguística:

É uma suposição comum entre professores de línguas [como resultado das percepções de linguistas, preferiria acrescentar] que sua área deva ser de algum modo definida por referência a modelos de descrição linguística criados por linguistas. [...] Essa mesma suposição domina a linguística aplicada. O próprio nome é uma proclamação de dependência. Bem, não tenho nada contra linguistas. Alguns de meus melhores amigos são linguistas etc. Mas acho que devemos ter cuidado com sua influência [...] E quero sugerir que a própria linguística aplicada como um ramo teórico da pedagogia de ensino de línguas deva procurar um modelo que sirva seu propósito (WIDDOWSON, 1979a/1977, p. 235 *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 15).

Conforme a citação anterior, observamos no contexto de virada entre a primeira e segunda fase da LA a necessidade, segundo Moita Lopes (2006), que há em se repensar as bases teóricas e epistemológicas desse campo, de modo que se faz necessário que a LA se livre das próprias conotações de seu nome, que, por si

só, já sugere um grau de dependência em relação à Linguística. Assim, a primeira virada que acontece na segunda fase da LA, diz respeito ao fato de ela sair do contexto puramente aplicacionista e restrito ou a descrição de línguas ou ao ensino de línguas (especialmente de línguas estrangeiras), e abarcar, portanto, outras situações de uso concreto da linguagem apossando-se de um caráter interdisciplinar.

Desse modo, é possível constatar nessa segunda fase da LA que “[...] a um só tempo nos livramos da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas e abrimos as portas para outras áreas do conhecimento de forma a se operar de modo interdisciplinar” (MOITA LOPES, 2006, p. 16).

Na terceira fase da LA, entendida como:

[...] indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (Fabrício, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar limites ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como transdisciplinar, no sentido de que deseja atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando (MOITA LOPES, 2006, p. 19).

Diferentemente da segunda fase, na qual a interdisciplinaridade ocupa papel central no desenvolvimento de pesquisas em LA, na terceira fase podemos pensar a LA não somente como campo que permite o diálogo entre diferentes áreas, mas também como um domínio indisciplinar, no sentido de que não se encontra unicamente vinculado a uma determinada teoria ou campo do saber. Nesse sentido, reconhecendo-se como uma área “mestiça” e “nômade”, a LA busca, nessa terceira fase, articular as discussões a que se propõe para além das fronteiras disciplinares, configurando-se, portanto, como uma área de estudos que assim como a sociedade está em contínua transformação.

Na terceira fase, conforme Moita Lopes (2006), estamos nos reportando a uma LA transdisciplinar, que não somente permite o diálogo entre diferentes áreas, mas também possibilita a construção conjunta e cooperativa de conhecimento entre diferentes campos do saber. Em vista disso, destacamos que é a partir dessa

perspectiva (transdisciplinar/indisciplinar) que construímos esse trabalho, buscando, por meio do diálogo entre diferentes áreas (estudos culturais, história, linguística), compreender a forma como são pensadas e representadas nos enunciados da entrevista organizada por Lessa (2002) a cultura e a identidade do “seringueiro/a acreano/a”.

Enunciado, identidade e cultura: breves considerações

Neste estudo, compreendemos o conceito de linguagem não como um sistema inteiramente autônomo e simbólico de signos, tal qual defendem Saussure ([1916] 2010) e Sapir (1971), como também não compreendemos como uma faculdade inteiramente biológica, assim como preconizam Chomsky (1980, 2014) e Pinker (2008), mas entendemos o fenômeno da linguagem como uma prática social historicamente situada (BAKHTIN, [1979] 2011; MOITA LOPES, 2006; VOLÓCHINOV, 2017) que não pode ser desvinculada dos sujeitos que a utilizam socialmente.

Em vista disso, Partindo do pressuposto de que a realização efetiva da linguagem se concretiza por meio do enunciado, tomamos como referência o conceito tanto de linguagem, prática social historicamente situada, como também de enunciado defendidos no Círculo de Bakhtin, reportando-nos especialmente à Volóchinov (2017):

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219, grifo do autor).

Tendo em vista que nosso trabalho consiste na identificação de possíveis representações em relação à identidade do “seringueiro/a acreano/a”, é importante trazer para a discussão os conceitos de identidade e cultura. Nesse sentido, vale destacar que do mesmo modo como acontece com outros conceitos no campo das ciências humanas e sociais, que a depender da posição teórica assumida os sentidos construídos em torno de tais conceitos se alteram, assim também ocorre com os conceitos de identidade e cultura que não possuem um sentido fixo e

homogêneo, mas múltiplo e diverso a depender da escolha teórica assumida por cada um.

Começamos explorando os significados do conceito de identidade. De acordo com Tilio (2009), observamos que tal conceito tem sua origem na filosofia, e apesar de o autor privilegiar a abordagem socioconstrucionista em relação à compreensão do que é a identidade, ainda assim é possível percebermos que esse conceito se encontra ancorado em duas tendências que, segundo Vieira (2009), podemos compreender como essencialista e pós-estruturalista.

Segundo a abordagem essencialista, “há uma identidade profunda e autêntica, anterior à política e às negociações.” (VIEIRA, 2009, p. 36). Sendo assim, podemos então compreender que essa perspectiva parte da ideia de que há uma identidade anterior à existência humana e, portanto, homogênea e “perfeita”. Com isso, percebemos que essa abordagem essencialista em relação à identidade faz menção direta ao pensamento clássico da filosofia platônica, a qual, através da dicotomia entre o mundo dos sentidos e o mundo das ideias, também compreende a existência de uma identidade essencialmente “perfeita” e “única”.

De acordo com Vilalba (2013), também na filosofia rosseauiana podemos observar a presença dessa concepção essencialista acerca da identidade, pois um dos pensamentos mais discutidos da filosofia de Rousseau diz respeito à compreensão que ele tem em relação à natureza humana, para quem o homem é naturalmente bom, sendo a sociedade quem o corrompe. Esta afirmação nos leva imediatamente ao encontro da abordagem essencialista porquanto implica na suposição de um estado originário anterior à existência.

Em contrapartida, muitas pesquisas desenvolvidas no campo da LA e dos estudos culturais atualmente (BHABHA, 1998; BAUMAN, 2005; HALL, 2016; MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2003), têm ido de encontro à abordagem essencialista em relação à identidade, caracterizando um movimento conhecido, de acordo com Vieira (2009), como pós-estruturalista, que diferentemente da abordagem essencialista compreende a identidade como um processo dinâmico, heterogêneo e em constante movimento. Nesse sentido, Homi Bhabha (1998) afirma que:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a

produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação, como inferimos dos exemplos precedentes, é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 1998, p. 76-77).

Assim, é possível percebermos que a abordagem pós-estruturalista em relação à identidade irá compreendê-la como um processo que não preexiste ao homem, mas que se encontra em construção, nunca pronta e acabada, mas em devir, pois nessa perspectiva “A identidade não é algo que encontremos, ou que tenhamos de uma vez e para sempre. Identidade é um processo” (SARUP, 1996, p. 28 *apud* TILIO, 2009, p. 111).

Além disso, na ótica pós-estruturalista, é importante que se considere o fato de que “A demanda da identificação – isto é, ser para um outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade” (BHABHA, 1998, p. 76). Isso significa que a construção da identidade requer sempre a presença do outro, se não for a partir das relações estabelecidas no mundo e com o outro, ou das relações dialógicas em termos bakhtinianos, não há como se pensar na identidade, pois “Sendo a identidade uma construção social, e não um dado, herdado biologicamente, ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo” (TILIO, 2009, p. 112).

O importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões. [...] A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. [...] Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais (CUCHE, 1999, p. 181-183).

Em consonância com a citação anterior, somos levados ao encontro de dois importantes pontos para pensarmos a identidade: em primeiro lugar, e dialogando com Bakhtin ([1979] 2011), observamos que a construção dela requer sempre a presença do outro, porque é por meio das relações dialógicas ocorridas no meio social que as identidades são construídas e reconstruídas, pois “nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro” (MOITA LOPES, 2002, p. 32). Essa assertiva nos leva imediatamente ao

encontro do segundo ponto, que diz respeito à relevância das trocas sociais e dos fenômenos externos à linguagem no processo de construção da identidade.

Dessa forma, verificamos que a abordagem pós-estruturalista acerca da identidade representa uma ruptura em relação ao essencialismo, permitindo a compreensão desse conceito como um fenômeno social e histórico, construído por meio da linguagem a qual, nessa perspectiva também se mostra como uma prática social historicamente situada (MOITA LOPES, 2006; ROJO, 2006; VOLÓCHINOV, 2017). Além disso, da mesma forma como alteramos nosso enunciado a depender das situações sociais em que nos encontremos assim também fazemos com as identidades que nos interpelam, pois a depender do contexto onde estejamos podemos assumi-las ou rejeitá-las:

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (LOURO, 2000, p. 12).

Com base na citação, podemos perceber que um único sujeito pode assumir mais de uma identidade, pois cada situação social na qual ele se encontra implica e requer diferenciadas identidades. Portanto, o sujeito na perspectiva pós-estruturalista, dialogando com a LA transdisciplinar/indisciplinar, é encarado e percebido a partir de sua heterogeneidade, constituindo-se num sujeito poliforme composto por múltiplas identidades, que nem sempre dialogam, entrando às vezes em conflito.

Sendo assim, é importante considerarmos que nesse conjunto de identidades, segundo expressa Louro (2000), os sujeitos são interpelados a partir de diferentes situações sociais a aderirem ou não determinada identidade, de maneira que o reconhecimento numa identidade implica na aceitação, no sentido de pertencimento do sujeito junto a um grupo social. Pensando nisso, essa questão nos permite questionar: até que ponto o sujeito denominado como “seringueiro/a acreano/a” se reconhece ou não como pertencente a esse grupo social? – No próximo tópico responderemos esse questionamento.

O ser “seringueiro/a”: reflexões a partir de enunciados de “seringueiros/as acreanos/as”

Neste tópico, tomando como referência as contribuições de alguns estudiosos (BAKHTIN, [1979] 2011; BHABHA, 1988; BAUMAN, 2005; FOUCAULT, 1999; HALL, 2016; LOURO, 2000; MOITA LOPES, 2002, 2006; VOLÓCHINOV, 2017) analisamos a entrevista CS108AM⁴, presente na obra de Lessa (2002), a fim de identificar o modo como o sujeito “seringueiro/a” concebe e encara sua identidade. Dessa forma, devido à extensão da entrevista, nossa análise será construída a partir de quatro enunciados da entrevista que iremos apresentar.

Enunciado nº 1	Vinte [...] doze anos... [...] gosto não... corto porque é o jeito de corta mermo né? [...] porque acho ruim cortá ó... da muito sacrifício... trabaio...
-------------------	---

Conforme o enunciado nº 1, observamos primeiramente que no contexto dos seringais amazônicos o trabalho com a seringa tem início logo na infância, o sujeito 2⁵ (entrevistado), por exemplo, afirma que começou a exercer o ofício de “seringueiro/a” ainda quando criança, aos doze anos de idade. Além disso, verificamos também que quando questionado em relação a gostar ou não do trabalho com a seringa o sujeito 2 é categórico em sua resposta: “**gosto não... corto porque é o jeito de corta mermo né? [...] porque acho ruim cortá ó... da muito sacrifício... trabaio...**”

A partir disso, podemos supor que possivelmente a resposta negativa do sujeito 2 em relação ao trabalho com a seringa ocorra, pois historicamente (CUNHA, 2006; LIMA, 2016; MARTINELLO, 2018; ROCHA, 2006) o sujeito “seringueiro/a” é representado, na maioria das vezes, como alguém completamente submisso ao patrão e ao sistema que vigorava nos seringais, privado da liberdade e até mesmo

⁴ As iniciais CS representam a cidade onde a entrevista foi realizada (Cruzeiro do Sul – AC), a numeração diz respeito ao número da entrevista (entrevista 108), a letra A corresponde a faixa etária do informante (16 a 25 anos) e a letra M ao sexo (masculino). A metodologia adotada para a organização das entrevistas de Lessa (2002) segue os princípios da Dialetologia, sendo utilizada, como critério de transcrição da linguagem do “seringueiro/a acreano/a”, o modelo de transcrição grafemática.

⁵ Considerando que tanto o entrevistador como também o entrevistado ocupam a função de sujeitos numa entrevista optamos por utilizar a expressão sujeito 2 para se referir ao entrevistado (“seringueiro/a”).

da própria humanidade, quando encarado, por exemplo, como uma mercadoria indispensável para economia da borracha (LIMA, 2016).

Dessa forma, tendo em vista o que apresentam Bauman (2005) e Louro (2000), quando destacam a possibilidade que temos para assumir ou negar as identidades que nos são lançadas, percebemos que é compreensível, portanto, que o sujeito 2 através de seu enunciado demonstre não assumir essa identidade (“seringueiro/a”) quando limitada exclusivamente ao trabalho com a seringa. Uma vez que esse ofício suscita no sujeito todo um contexto histórico-social marcado pelo sofrimento e opressão daqueles que historicamente vêm sendo denominados por meio do termo “seringueiro/a”.

Enunciado nº 2	eu queria que fosse assim na área de agricultura... fosse melhorá eu achava melhó [...] de terra assim pra mim trabaiaá... melhó que a seringa...[...] não adoro muito não...mais o cabra é o jeito que tem que fazê né [...] planta... depois que nós chega da seringa nós vamos plantá... vamos limpá uNa roça... uNa coisa assim
-------------------	---

Quando questionado se gosta do trabalho com a seringa o sujeito 2 é categórico declarando: “[...] **gosto não... corto porque é o jeito de corta mermo né?**”. No enunciado nº 2, o sujeito 2 ao ter deixado claro não se identificar com o trabalho com a seringa assume e opta por outra atividade: **“eu queria que fosse assim na área de agricultura... fosse melhorá eu achava melhó [...] de terra assim pra mim trabaiaá... melhó que a seringa.”**

Em consonância com o parágrafo anterior, observamos novamente a contraindentificação por parte do sujeito 2 em relação a uma identidade de “seringueiro/a” vinculada estritamente ao ofício da seringa. E isso ocorre, pois como salientamos o termo “seringueiro/a” é bastante limitado (ROCHA, 2006), porquanto compreende, seja morfológicamente⁶ seja na perspectiva do patrão seringalista, unicamente um ofício (CUNHA, 2006; LIMA, 2016; MARTINELLO, 2018), deixando de fora todas as demais experiências e vivências que formam e constituem um sujeito plural e histórico (BAKHTIN, [1979] 2011; MOITA LOPES, 2006; ROJO, 2006; RAJAGOPALAN, 2006; VOLÓCHINOV, 2017).

⁶ Essa consideração é feita a partir do valor semântico exercido pelo sufixo *eiro* na língua portuguesa, que indica geralmente uma profissão e/ou ofício. Exemplo: sapateiro, marceneiro, pedreiro, padeiro, entre outras.

Desse modo, apesar de ser aceitável entender como “seringueiro/a” o sujeito responsável pela a extração do látex, haja vista que o sufixo *eiro* na língua portuguesa pode indicar uma profissão, entendemos que da mesma forma como um padeiro não é somente identificado pela feitura do pão, mas também pode assumir-se como pai, irmão, amigo, vizinho, filho entre outras identidades (BAUMAN, 2005; LOURO, 2000), assim também os sujeitos denominados pelo termo “seringueiro/a” não podem ser classificados sob a ótica de um termo homogêneo, quando ligado exclusivamente ao trabalho com a seringa (CUNHA, 2006; LIMA, 2016; MARTINELLO, 2018; ROCHA, 2006) e deixando de lado todas as demais identidades que compõem esses sujeitos.

<p>Enunciado nº 3</p>	<p>nóis têm vontade né... negócio quê... [...] serve assim para uNa dô... pra fígado... sabe essas coisas assim... graviola... essas coisas assim [...] o cabra faiz um chá assim ó... da com um calmante... [...] chá de foia de laranja... de abacate... sabe chaziNo [...] tem coisa mermo... só coisiNa... coiziNa mermo de seringuêro sabe [...] uNas panelaziNa... uns pratoziNo...coisa mermo de gente pobre [...] é... não tem nada né na vida ((risos)) [...] porque num tem mermo... num dá... o cabra arranja diNêro pra comprá as coisa pra dentro de casa...</p>
---------------------------	---

Apesar de não esconder sua percepção negativa em relação ao trabalho com a seringa, evidenciando até mesmo o desejo de retirar-se dos seringais: “**nois têm vontade né... negócio quê**”, o sujeito 2 apresenta no enunciado nº 3 algumas informações acerca de práticas exercidas pelos sujeitos “seringueiros/as” que, apesar das dificuldades do contexto, encontram na floresta os recursos necessários para driblar adversidades como, por exemplo, as doenças.

“**Serve assim para uNa dô... pra fígado... sabe essas coisas assim... graviola... essas coisas assim [...] o cabra faiz um chá assim ó... da com um calmante... [...] chá de foia de laranja... de abacate... sabe chazinho**”. A partir desse conjunto de práticas e saberes culturais (ALBUQUERQUE; SOUSA, 2016) expressos no enunciado, o sujeito 2 apresenta-se como um conhecedor da floresta e da medicina alternativa utilizada pela comunidade “seringueira” e outras que habitam a floresta, reconhecendo o valor medicinal das plantas e ervas.

Quando questionado em relação ao que tem na casa do “seringueiro/a”, o sujeito 2 destaca que “**tem coisa mermo... só coisiNa... coiziNa mermo de seringuêro sabe**”. A partir da materialidade que constitui esse enunciado podemos

compreender no uso do diminutivo uma representação que tende a diminuir tudo aquilo que esteja relacionado ao mundo do “seringueiro/a”, isso, pois o próprio “seringueiro/a” é representado historicamente como um sujeito subserviente, explorado e pequeno diante do seringalista e de todo o sistema trabalhista que vigorava nos seringais (CUNHA, 2006; LIMA, 2016; MARTINELLO, 2018).

Assim, para o sujeito 2 também as coisas do “seringueiro/a”, tal como ele próprio, são pequenas: **“coiziNa mermo de seringuêro, uNas panelaziNa... uns pratoziNo...coisa mermo de gente pobre”**. Portanto, ele encara o sujeito “seringueiro/a” como alguém pobre, não apenas em relação à privação dos recursos necessários para a subsistência, mas também no que diz respeito à própria humanidade, muitas vezes apagada e silenciada (LIMA, 2016), tendo em conta que na percepção do sujeito 2 o “seringueiro/a” é pobre, pois **“não tem nada né na vida ((risos)) num dá...”**

<p>Enunciado nº 4</p>	<p>gosto não [...] arruma ôtro mei po aí né [...] queria sê... sê... eu não sei lê né... [...] queria meno arranjà assim um terreno pa mim trabaLHÁ na agricultura [...] pretendo... quando Deus mandá uNa sorte né... arranjà um mei pra mim casá eu caso [...] uns dois filhos tá bom [...] só doze mermo [...] dois... que sofre demais né [...]passa fome... passa necessidade de... do alimento né</p>
---------------------------	---

Conforme o enunciado nº 4, observamos que quando questionado pelo entrevistador se não gosta de ser “seringueiro/a” (#D⁷: você não gosta de ser seringueiro...) o sujeito 2 é categórico em sua resposta: **“gosto não”**. Considerando isso, verificamos um impasse em relação a essa identidade, pois para o entrevistador o sujeito 2 é claramente classificado como “seringueiro/a acreano/a”, até porque este foi o requisito básico para participar da pesquisa (MACÊDO SOUSA, 2005). No entanto, o sujeito 2 não assume essa identidade (BAUMAN, 2005; LOURO, 2000) manifestando isso em seu enunciado.

“Arruma ôtro mei po aí né [...] queria sê... sê... eu não sei lê né... [...] queria meno arranjà assim um terreno pa mim trabaLHÁ na agricultura”. Ao passo que o sujeito 2 não se identifica com o trabalho com a seringa, ele opta por outra forma de subsistência que é a agricultura, ainda vinculada ao contato com a floresta, mas que diferentemente da extração do látex passa a ganhar cada vez mais espaço nos seringais amazônicos no contexto do segundo ciclo da borracha (MARTINELLO,

⁷ O símbolo #D se refere a fala do documentador e/ou responsável pela realização da entrevista.

2018), possibilitando que o sujeito “seringueiro/a”, diferentemente do que se observava no primeiro ciclo da borracha, torne-se agora autônomo em relação ao próprio trabalho, sendo o protagonista frente às decisões em relação ao lucro e cultivo de alimentos.

“Pretendo... quando Deus mandá uNa sorte né... arranjá um mei pra mim casá eu caso [...] uns dois filhos tá bom [...] só doze mermo [...] dois... que sofre demais né [...] passa fome... passa necessidade de... do alimento né”. Em relação ao futuro, quando questionado se pretende casar e ter filhos algum dia o sujeito 2 afirma positivamente que sim, mas que diferentemente de seu pai, também “seringueiro/a”, que teve doze filhos, almeja somente dois, pois numa família numerosa, como a do próprio sujeito 2, as possibilidades de sofrimento por conta de algumas privações como a falta de alimentos são ainda maiores.

Assim, percebemos nesse enunciado que uma das características observadas nos grupos familiares de “seringueiros/as” é justamente a quantidade significativa de pessoas que residem num mesmo domicílio, compondo, portanto, o grupo familiar. Nesse sentido, conforme ilustra o sujeito 2, as necessidades enfrentadas são inúmeras, mas encontram-se basicamente ancoradas num mesmo ponto que é a falta de alimentos.

Em vista disso, como conhecedor dessa realidade que como num ciclo se estende do “seringueiro/a” até sua prole, que também se torna “seringueiro/a”, o sujeito 2 como forma de resistência tende a repelir essa identidade (BAUMAN, 2005; LOURO, 2000), vinculada a um contexto, segundo observamos em Cunha (2006), Lima (2016), Martinello (2018) e Rocha (2006), no qual o sujeito denominado através do termo “seringueiro/a” é representado como alguém oprimido por meio do próprio trabalho e despido até mesmo de sua humanidade, quando encarado, tal como a árvore da seringa, como uma mercadoria para o mercado/economia da borracha (LIMA, 2016).

Considerações finais

Através da linguagem, somos capazes de representar ao outro a forma como vislumbramos o mundo, nossos valores, cultura e identidade (BAUMAN, 2005; BHABHA, 1998; FANON, 2008; HALL, 2016; LOURO, 2000). Esta afirmação nos leva ao entendimento de que não há como separar a linguagem das práticas sociais

que constituem o mundo, pois tais práticas só são possíveis quando atravessadas pela linguagem, ou, fazendo menção a Bakhtin, são somente possíveis e realizadas a partir de um determinado gênero do discurso, haja vista que nossa comunicação se realiza não com base em palavras soltas ou desconexas, mas por meio de gêneros do discurso específicos (BAKHTIN, [1979] 2011).

Nessa compreensão, encontra-se o fundamento que norteia o modo como entendemos a linguagem nesta pesquisa, compreendida como uma prática social historicamente situada (BAKHTIN, [1979] 2011; FANON, 2008; HALL, 2016; LABOV, 2008; MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2003, 2006; ROJO, 2006; VOLÓCHINOV, 2017). Isso quer dizer que pensamos na realização efetiva da linguagem como vinculada não a um sistema abstrato de signos, independente e autossuficiente em relação ao sujeito que enuncia, muito menos como centrada única e exclusivamente no sujeito individual e/ou no enunciado monológico, mas pensamos nela com base no enunciado concreto produzido a partir das interações sociais (VOLÓCHINOV, 2017).

Assim, tendo em conta que a manifestação efetiva da linguagem ocorre por meio do enunciado, produzido em contextos reais de uso e interação, consideramos o fato de que um enunciado nunca se encontra historicamente isolado, mas sempre faz menção e se reporta a outros enunciados (BAKHTIN, [1979] 2011; VOLÓCHINOV, 2017). Com base nisso, buscamos investigar nos enunciados produzidos pelo próprio sujeito “seringueiro/a” (LESSA, 2002) os elementos capazes de nos permitir analisar questões relacionadas às representações construídas acerca do conjunto de práticas, identidade e cultura do “seringueiro/a acreano/a”.

A análise nos possibilitou perceber a necessidade que há em se explorar a identidade do “seringueiro/a acreano/a” a partir dos enunciados produzidos pelos sujeitos denominados através desse termo, pois, considerando que a identidade é um conceito que a todo o momento nos interpela (BAUMAN, 2005; LOURO, 2000), mostra-se importante também voltarmos nossa atenção para o modo como os sujeitos se posicionam diante das identidades, seja assumindo-as seja negando-as.

Além disso, mais que problematizar o termo “seringueiro/a”, revelando, entre outras coisas, suas limitações a partir das conotações expressas pela sua estrutura morfológica, chamamos atenção para o fato de que o sujeito da década de 1990, classificado como “seringueiro/a acreano/a”, não é somente aquela pessoa responsável pelo trabalho com a seringueira (*Hevea brasiliensis*), coleta e produção

da borracha, mas é também o sujeito que corta seringa e tem seu plantio de roçado, que prefere a agricultura em detrimento da seringa, que encara a floresta como provedora, fonte de subsistência e mistérios, que declara abertamente não gostar de ser “seringueiro/a”, da vida e trabalho no seringal. Assim, desconsiderar tudo isso e insistir na classificação desses sujeitos como “seringueiros/as acreanos/as”, tomando como referência tão somente a naturalidade e ofício, é negar o direito à voz, historicidade e identidade de tais sujeitos.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; SOUSA, Marcio Barradas. Saberes Culturais. In: Gerson Rodrigues de Albuquerque; Agenor Sarraf Pacheco. (Org.). *Uwa'kürü: dicionário analítico* (fascículo 1). Rio Branco - Acre: Nepan Editora, p. 230-250, 2016,.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2011.

BAUMAN, Zigmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. Tradução de Carlos Vogt (*et al*). São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, Noam. *A ciência da Linguagem: conversas com James McGilvray*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero, Luisandro Mendes Souza, Sérgio de Moura Menuzzi. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIORIN, José Luiz (Org). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUSDORF, George. *A fala*. Trad. João Morais Barbosa. Paris: Universitaires de Frances, 1976.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução: Daniel e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KAIL, Michéle. *Aquisição de linguagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

KUHL, Patricia K; DAMASIO, Antonio R. A linguagem. In: KANDEL, Eric R. et al. *Princípios de Neurociências*. Trad. Ana Lúcia Severo Rodrigues. et al. 5 ed. Porto Alegre: AMGH, p. 1179-1195, 2014..

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LESSA, Luisa Galvão. *A linguagem falada no vale do Juruá*. Rio de Janeiro: DIGRAF- UERJ, 2002.

LIMA, Daniel Barros de. *Representações do Seringueiro na Imprensa Amazonense: Cotidiano e Vivências no Mundo da Borracha (1890-1920)*. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2016.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 2000.

MACÊDO SOUSA, Márcia verônica ramos de. *Aspectos dialectológicos e lexicográficos do atlas etnolinguístico do Acre*. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Guajará-Mirim, 2005.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. São Paulo: Atlas, [1983] 2012.

MARTINELLO, Pedro. *A batalha da borracha na segunda Guerra Mundial*. 2. ed. Rio Branco: Edufac, 2018.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PICKERING, William A. A influência de Darwin na teoria linguística como um prelúdio às abordagens “evolucionárias” no século 21. *Linguagem: teoria, análise e aplicações*, Rio de Janeiro, v. 6, n. x, p. 105-124, 2011.

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma Linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 149-166, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI RIZZATTI, Mary Elizabeth. *Linguística Aplicada: ensino de língua materna*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 253-276, 2006.

ROCHA, Airton Chaves da. *A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996)*. 2006. 245 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2006.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de Joaquim Mattoso Camara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cutrix, [1916] 2010.

SILVA, Airton Marques da. *Metodologia da pesquisa*. 2. ed. Fortaleza: Ed UECE, 2015.

SOUZA JUNIOR, Airton Santos de. *Construções identitárias em enunciados de “seringueiros/as acreanos/as”*. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2020.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 29, p. 109-119, 2009.

VIEIRA, Liszt (Org.). *Identidade e Globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

VILALBA, Hélio Garone. O contrato social de Jean-Jacques Rousseau: uma análise para além dos conceitos. *Revista Filogênese*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 63-76, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.